

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2020 – Estado da Questão

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins  
Design gráfico: Flatland Design

AAP – ISBN: 978-972-9451-89-8  
CITCEM – ISBN: 978-989-8970-25-1

Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM  
Lisboa, 2020

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:  
Planta do castro de Monte Mozinho (Museu Municipal de Penafiel).

  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

  
MUSEU  
ARQUEOLÓGICO  
DO CARMO

 CITCEM  
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR  
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

 Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

 PORTO  
FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio

 museu  
MUSEU MUNICIPAL DE PENAFIEL



# Índice

- 15 Prefácio  
José Morais Arnaud

## **1. Historiografia e Teoria**

- 17 Território, comunidade, memória e emoção: a contribuição da história da arqueologia (algumas primeiras e breves reflexões)  
Ana Cristina Martins
- 25 Como descolonizar a arqueologia portuguesa?  
Rui Gomes Coelho
- 41 Arqueologia e Modernidade: uma revisitação pessoal e breve de alguns aspetos da obra homónima de Julian Thomas de 2004  
Vitor Oliveira Jorge
- 57 Dados para a História das Mulheres na Arqueologia portuguesa, dos finais do século XIX aos inícios do século XX: números, nomes e tabelas  
Filipa Dimas / Mariana Diniz
- 73 Retractos da arqueologia portuguesa na imprensa: (in)visibilidades no feminino  
Catarina Costeira / Elsa Luís
- 85 Arqueologia e Arqueólogos no Norte de Portugal  
Jacinta Bugalhão
- 101 Vieira Guimarães (1864-1939) e a arqueologia em Tomar: uma abordagem sobre o território e as gentes  
João Amendoeira Peixoto / Ana Cristina Martins
- 115 *Os memoráveis?* A arqueologia algarvia na imprensa nacional e regional na presente centúria (2001-2019): características, visões do(s) passado(s) e a arqueologia enquanto *marca*  
Frederico Agosto / João Silva
- 129 A Evolução da Arqueologia Urbana e a Valorização Patrimonial no Barlavento Algarvio: Os casos de Portimão e Silves  
Artur Mateus / Diogo Varandas / Rafael Boavida

## **2. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património**

- 145 O Caderno Reivindicativo e as condições de trabalho em Arqueologia  
Miguel Rocha / Liliana Matias Carvalho / Regis Barbosa / Mauro Correia / Sara Simões / Jacinta Bugalhão / Sara Brito / Liliana Veríssimo Carvalho / Richard Peace / Pedro Peça / Cézer Santos
- 155 Os Estudos de Impacte Patrimonial como elemento para uma estratégia sustentável de minimização de impactes no âmbito de reconversões agrícolas  
Tiago do Pereiro
- 165 Salvaguarda de Património arqueológico em operações florestais: gestão e sensibilização  
Filipa Bragança / Gertrudes Zambujo / Sandra Lourenço / Belém Paiva / Carlos Banha / Frederico Tatá Regala / Helena Moura / Jacinta Bugalhão / João Marques / José Correia / Pedro Faria / Samuel Melro
- 179 Os valores do Património: uma investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Ruprestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde  
José Paulo Francisco

- 189 Conjugando recursos arqueológicos e naturais para potenciar as visitas ao Geoparque Litoral de Viana do Castelo (Noroeste de Portugal)  
Hugo A. Sampaio / Ana M.S. Bettencourt / Susana Marinho / Ricardo Carvalhido
- 203 Áreas de Potencial Arqueológico na Região do Médio Tejo: Modelo Espacial Preditivo  
Rita Ferreira Anastácio / Ana Filipa Martins / Luiz Oosterbeek
- 223 Património Arqueológico e Gestão Territorial: O contributo da Arqueologia para a revisão do PDM de Avis  
Ana Cristina Ribeiro
- 237 A coleção arqueológica do extinto Museu Municipal do Porto – Origens, Percursos e Estudos  
Sónia Couto
- 251 Valpaços – uma nova carta arqueológica  
Pedro Pereira / Maria de Fátima Casares Machado
- 263 Arqueologia na Cidade de Peniche  
Adriano Constantino / Luís Rendeiro
- 273 Arqueologia Urbana: a cidade de Lagos como caso de Estudo  
Cátia Neto
- 285 Estratégias de promoção do património cultural subaquático nos Açores. O caso da ilha do Faial  
José Luís Neto / José Bettencourt / Luís Borges / Pedro Parreira
- 297 Carta Arqueológica da Cidade Velha: Uma primeira abordagem  
Jaylson Monteiro / Nireide Tavares / Sara da Veiga / Claudino Ramos / Edson Brito / Carlos Carvalho / Francisco Moreira / Adalberto Tavares
- 311 Antropologia Virtual: novas metodologias para a análise morfológica e funcional  
Ricardo Miguel Godinho / Célia Gonçalves

### **3. Didáctica da Arqueologia**

- 327 Como os projetos de Arqueologia podem contribuir para uma comunidade culturalmente mais consciente  
Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Silveira / Ricardo Lopes
- 337 Educação Patrimonial – Um cidadão esclarecido é um cidadão ativo!  
Ana Paula Almeida
- 351 A aproximação da Arqueologia à sala de aula: um caso de estudo no 3º ciclo do Ensino Básico  
Luís Serrão Gil
- 363 *Arqueologia 3.0* – Pensar e comunicar a Arqueologia para um futuro sustentável  
Mónica Rolo
- 377 “Conversa de Arqueólogos” – Divulgar a Arqueologia em tempos de Pandemia  
Diogo Teixeira Dias
- 389 Escola Profissional de Arqueologia: desafios e oportunidades  
Susana Nunes / Dulcineia Pinto / Júlia Silva / Ana Mascarenhas
- 399 Os Museus de Arqueologia e os Jovens: a oferta educativa para o público adolescente  
Beatriz Correia Barata / Leonor Medeiros
- 411 O museu universitário como mediador entre a ciência e a sociedade: o exemplo da secção de arqueologia no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP)  
Rita Gaspar

- 421 Museu de Lanifícios: Real Fábrica de Panos. Atividades no âmbito da Arqueologia  
Beatriz Correia Barata / Rita Salvado
- 427 Arqueologia Pública e o caso da localidade da Mata (Torres Novas)  
Cláudia Manso / Ana Rita Ferreira / Cristiana Ferreira / Vanessa Cardoso Antunes
- 431 Do sítio arqueológico ao museu: um percurso (também) didático  
Lídia Fernandes
- 447 Estão todos convidados para a Festa! E para dançar também. . . O projecto do Serviço Educativo do Museu Arqueológico do Carmo na 5ª Edição da Festa da Arqueologia  
Rita Pires dos Santos
- 459 O “Clã de Carenque”, um projeto didático de arqueologia  
Eduardo Gonzalez Rocha
- 469 Mediação cultural: peixe que puxa carroça nas Ruínas Romanas de Troia  
Inês Vaz Pinto / Ana Patrícia Magalhães / Patrícia Brum / Filipa Santos
- 481 Didática Arqueológica, experiências do Projeto Mértola Vila Museu  
Maria de Fátima Palma / Clara Rodrigues / Susana Gómez / Lígia Rafael

#### **4. Arte Rupestre**

- 497 Os inventários de arte rupestre em Portugal  
Míla Simões de Abreu
- 513 O projeto FIRST-ART – conservação, documentação e gestão das primeiras manifestações de arte rupestre no Sudoeste da Península Ibérica: as grutas do Escoural e Maltravieso  
Sara Garcês / Hipólito Collado / José Julio García Arranz / Luiz Oosterbeek / António Carlos Silva / Pierluigi Rosina / Hugo Gomes / Anabela Borralheiro Pereira / George Nash / Esmeralda Gomes / Nelson Almeida / Carlos Carpetudo
- 523 Trabalhos de documentação de arte paleolítica realizados no âmbito do projeto PalæoCôa  
André Tomás Santos / António Fernando Barbosa / Luís Luís / Marcelo Silvestre / Thierry Aubry
- 537 Imagens fantasmagóricas, silhuetas elusivas: as figuras humanas na arte do Paleolítico Superior da região do Côa  
Mário Reis
- 551 Os motivos zoomórficos representados nas placas de tear de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal)  
Andrea Martins / César Neves / José M. Arnaud / Mariana Diniz
- 571 Arte Rupestre do Monte de Góios (Lanhelas, Caminha). Síntese dos resultados dos trabalhos efectuados em 2007-2009  
Mário Varela Gomes
- 599 Gravuras rupestres de barquiformes no Monte de S. Romão, Guimarães, Noroeste de Portugal  
Daniela Cardoso
- 613 Círculos segmentados gravados na Bacia do Rio Lima (Noroeste de Portugal): contributos para o seu estudo  
Diogo Marinho / Ana M.S. Bettencourt / Hugo Aluai Sampaio
- 631 Equídeos gravados no curso inferior do Rio Mouro, Monção (NW Portugal). Análise preliminar  
Coutinho, L.M. / Bettencourt, A.M.S / Sampaio, Hugo A.S
- 645 Paletas na Arte Rupestre do Noroeste de Portugal. Inventário preliminar  
Bruna Sousa Afonso / Ana M. S. Bettencourt / Hugo A. Sampaio

## 5. Pré-História

- 661 O projeto Miño/Minho: balanço de quatro anos de trabalhos arqueológicos  
Sérgio Monteiro-Rodrigues / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas / Carlos Ferreira / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 677 A ocupação paleolítica da margem esquerda do Baixo Minho: a indústria lítica do sítio de Pedreiras 2 (Monção, Portugal) e a sua integração no contexto regional  
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Eduardo Méndez-Quintas / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 693 O sítio acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira  
Joan Daura / Montserrat Sanz / Filipa Rodrigues / Pedro Souto / João Zilhão
- 703 As sociedades neandertais no Barlavento algarvio: modelos preditivos com recurso aos SIG  
Daniela Maio
- 715 A utilização de quartzo durante o Paleolítico Superior no território dos vales dos rios Vouga e Côa  
Cristina Gameiro / Thierry Aubry / Bárbara Costa / Sérgio Gomes / Luís Luís / Carmen Manzano / André Tomás Santos
- 733 Uma perspetiva diacrónica da ocupação do concheiro do Cabeço da Amoreira (Muge, Portugal) a partir da tecnologia lítica  
Joana Belmiro / João Cascalheira / Célia Gonçalves
- 745 Novos dados sobre a Pré-história Antiga no concelho de Palmela. A intervenção arqueológica no sítio do Poceirão I  
Michelle Teixeira Santos
- 757 Problemas em torno de Datas Absolutas Pré-Históricas no Norte do Alentejo  
Jorge de Oliveira
- 771 Povoamento pré-histórico nas áreas montanhosas do NO de Portugal: o Abrigo 1 de Vale de Cerdeira  
Pedro Xavier / José Meireles / Carlos Alves
- 783 Apreciação do povoamento do Neolítico Inicial na Baixa Bacia do Douro. A Lavra I (Serra da Aboboreira) como caso de estudo  
Maria de Jesus Sanches
- 797 O Processo de Neolitização na Plataforma do Mondego: os dados do Sector C do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal)  
João Carlos de Senna-Martinez / José Manuel Quintã Ventura / Andreia Carvalho / Cíntia Maurício
- 823 Novos trabalhos na Lapa da Bugalheira (Almonda, Torres Novas)  
Filipa Rodrigues / Pedro Souto / Artur Ferreira / Alexandre Varanda / Luís Gomes / Helena Gomes / João Zilhão
- 837 A pedra polida e afeiçoada do sítio do Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal)  
César Neves
- 857 Casal do Outeiro (Encarnação, Mafra): novos contributos para o conhecimento do povoamento do Neolítico final na Península de Lisboa.  
Cátia Delicado / Carlos Maneira e Costa / Marta Miranda / Ana Catarina Sousa
- 873 Stresse infantil, morbidade e mortalidade no sítio arqueológico do Neolítico Final/Calcolítico (4º e 3º milénio a.C.) do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)  
Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain



- 885 *Come together*: O Conjunto Megalítico das Motas (Monção, Viana do Castelo) e as expressões Campaniformes do Alto Minho  
Ana Catarina Basílio / Rui Ramos
- 899 Trabalhos arqueológicos no sítio Calcolítico da Pedreira do Poio  
Carla Magalhães / João Muralha / Mário Reis / António Batarda Fernandes
- 913 O sítio arqueológico de Castanheiro do Vento. Da arquitectura do sítio à arquitectura de um território  
João Muralha Cardoso
- 925 Estudo zoológico das faunas do Calcolítico final de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal): Campanhas de 2017 e 2018  
Cleia Detry / Ana Catarina Francisco / Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud
- 943 As faunas depositadas no Museu Arqueológico do Carmo provenientes de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): as campanhas de 1937 a 1967  
Ana Catarina Francisco / Cleia Detry / César Neves / Andrea Martins / Mariana Diniz / José Morais Arnaud
- 959 Análise funcional de material lítico em sílex do castro de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja, Portugal): uma primeira abordagem  
Rafael Lima
- 971 O recinto da Folha do Ouro 1 (Serpa) no contexto dos recintos de fossos calcolíticos alentejanos  
António Carlos Valera / Tiago do Pereiro / Pedro Valério / António M. Monge Soares

## 6. Proto-História

- 987 Produção de sal marinho na Idade do Bronze do noroeste Português. Alguns dados para uma reflexão  
Ana M. S. Bettencourt / Sara Luz / Nuno Oliveira / Pedro P. Simões / Maria Isabel C. Alves / Emílio Abad-Vidal
- 1001 A estátua-menir do Pedrão ou de São Bartolomeu do Mar (Esposende, noroeste de Portugal) no contexto arqueológico da fachada costeira de entre os rios Neiva e Cávado  
Ana M. S. Bettencourt / Manuel Santos-Estévez / Pedro Pimenta Simões / Luís Gonçalves
- 1015 O *Castro do Muro* (Vandoma/Baltar, Paredes) – notas para uma biografia de ocupação da Idade do Bronze à Idade Média  
Maria Antónia D. Silva / Ana M. S. Bettencourt / António Manuel S. P. Silva / Natália Félix
- 1031 Do Bronze Final à Idade Média – continuidades e hiatos na ocupação de Povoados em Oliveira de Azeméis  
João Tiago Tavares / Adriaan de Man
- 1041 As faunas do final da Idade do Bronze no Sul de Portugal: leituras desde o Outeiro do Circo (Beja)  
Nelson J. Almeida / Íris Dias / Cleia Detry / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1055 A Espada do Monte das Oliveiras (Serpa) – uma arma do Bronze Pleno do Sudoeste  
Rui M. G. Monge Soares / Pedro Valério / Mariana Nabais / António M. Monge Soares
- 1065 São Julião da Branca (Albergaria-a-Velha) - Investigação e valorização de um povoado do Bronze Final  
António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Sara Almeida e Silva / Edite Martins de Sá
- 1083 Do castro de S. João ao Mosteiro de Santa Clara: notícia de uma intervenção arqueológica, em Vila do Conde  
Rui Pinheiro

- 1095 O castro de Ovil (Espinho), um quarto de século de investigação – resultados e questões em aberto  
Jorge Fernando Salvador / António Manuel S. P. Silva
- 1111 O Castro de Salreu (Estarreja), um povoado proto-histórico no litoral do Entre Douro e Vouga  
Sara Almeida e Silva / António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Edite Martins de Sá
- 1127 Castro de Nossa Senhora das Necessidades (Sernancelhe): uma primeira análise artefactual  
Telma Susana O. Ribeiro
- 1141 A cidade de Bagunte. O estado atual da investigação  
Pedro Brochado de Almeida
- 1153 Zoomorfos na cerâmica da Idade do Ferro no NW Peninsular: inventário, cronologias e significado  
Nuno Oliveira / Cristina Seoane
- 1163 Vasos gregos em Portugal: diferentes maneiras de contar a história do intercâmbio cultural na Idade do Ferro  
Daniela Ferreira
- 1175 Os *exotica* da necrópole da Idade do Ferro do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) no seu contexto regional  
Francisco B. Gomes

## 7. Antiguidade Clássica e Tardia

- 1191 O uso de madeira como combustível no sítio da Quinta de Crestelos (Baixo Sabor): da Idade do Ferro à Romanização  
Filipe Vaz / João Tereso / Sérgio Simões Pereira / José Sastre / Javier Larrazabal Galarza / Susana Cosme / José António Pereira / Israel Espi
- 1207 Cultivos de Época Romana no Baixo Sabor: continuidade em tempos de mudança?  
João Pedro Tereso / Sérgio Simões Pereira / Filipe Santos / Luís Seabra / Filipe Vaz
- 1221 A casa romana na Hispânia: aplicação dos modelos itálicos nas províncias ibéricas  
Fernanda Magalhães / Diego Machado / Manuela Martins
- 1235 As pinturas murais romanas da Rua General Sousa Machado, n.º 51, Chaves  
José Carvalho
- 1243 Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó) – Uma exploração agrícola romana do Douro  
Tony Silvino / Pedro Pereira
- 1255 A sequência de ocupação no quadrante sudeste de *Bracara Augusta*: as transformações de uma unidade doméstica  
Lara Fernandes / Manuela Martins
- 1263 Os Mosaicos com decoração geométrica e geométrico-vegetalista dos sítios arqueológicos da área do *Conuentus Bracaraugustanus*. Novas abordagens quanto à conservação, restauro, decoração e datação  
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 1277 “Casa Romana” do Castro de São Domingos (Crestelos, Lousada): Escavação, Estudo e Musealização  
Paulo André de P. Lemos
- 1291 A arqueobotânica no Castro de Guifões (Matosinhos, Noroeste de Portugal): O primeiro estudo carpológico  
Luís Seabra / Andreia Arezes / Catarina Magalhães / José Varela / João Pedro Tereso



- 1305 Um *Horreum* Augustano na Foz do Douro (Monte do Castelo de Gaia, Vila Nova de Gaia)  
Rui Ramos
- 1311 Ponderais romanos na Lusitânia: padrões, formas, materiais e contextos de utilização  
Diego Barrios Rodríguez
- 1323 Um almofariz centro-italico na foz do Mondego  
Marco Penajoia
- 1335 Estruturas romanas de Carnide – Lisboa  
Luísa Batalha / Mário Monteiro / Guilherme Cardoso
- 1347 O contexto funerário do sector da “necrópole NO” da Rua das Portas de S. Antão (Lisboa):  
o espaço, os artefactos, os indivíduos e a sua interconectividade na interpretação do passado  
Sílvia Loja, José Carlos Quaresma, Nelson Cabaço, Marina Lourenço, Sílvia Casimiro,  
Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves-Cardoso
- 1361 Povoamento em época Romana na Amadora – resultados de um projeto pluridisciplinar  
Gisela Encarnação / Vanessa Dias
- 1371 A Arquitectura Residencial em *Mirobriga* (Santiago do Cacém): contributo a partir  
de um estudo de caso  
Filipe Sousa / Catarina Felício
- 1385 O fim do ciclo. Saneamento e gestão de resíduos nos edifícios termas de *Mirobriga*  
(Santiago do Cacém)  
Catarina Felício / Filipe Sousa
- 1399 *Balsa*, Topografia e Urbanismo de uma Cidade Portuária  
Vitor Silva Dias / João Pedro Bernardes / Celso Candeias / Cristina Tété Garcia
- 1413 No Largo das Mouras Velhas em Faro (2017): novas evidências da necrópole norte  
de *Ossonoba* e da sua ocupação medieval  
Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho / Fernando Santos / Liliana Nunes
- 1429 Instrumentos de pesca recuperados numa fábrica de salga em *Ossonoba* (Faro)  
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho
- 1439 A Necrópole Romana do Eirô, Duas Igrejas (Penafiel): intervenção arqueológica de 2016  
Laura Sousa / Teresa Soeiro
- 1457 Ritual, descarte ou afetividade? A presença de *Canis lupus familiaris* na Necrópole  
Noroeste de *Olisipo* (Lisboa)  
Beatriz Calapez Santos / Sofia Simões Pereira / Rodrigo Banha da Silva / Sílvia Casimiro /  
Cleia Detry / Francisca Alves Cardoso
- 1467 Dinâmicas económicas em *Bracara* na Antiguidade Tardia  
Diego Machado / Manuela Martins / Fernanda Magalhães / Natália Botica
- 1479 Cerâmicas e Vidros da Antiguidade Tardia do Edifício sob a Igreja do Bom Jesus  
(Vila Nova de Gaia)  
Joaquim Filipe Ramos
- 1493 Novos contributos para a topografia histórica de Mértola no período romano e na  
Antiguidade Tardia  
Virgílio Lopes

## 8. Época Medieval

- 1511 Cerâmicas islâmicas no Garb setentrional “português”: algumas evidências e incógnitas  
Constança dos Santos / Helena Catarino / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Isabel Inácio /  
Gonçalo Lopes / Jacinta Bugalhão / Sandra Cavaco / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes /  
Ana Sofia Gomes

- 1525 Contributo para o conhecimento da cosmética islâmica, em Silves, durante a Idade Média  
Rosa Varela Gomes
- 1537 Yábura e o seu território – uma análise histórico-arqueológica de Évora entre os séculos VIII-XII  
José Rui Santos
- 1547 A encosta sul do Castelo de Palmela – resultados preliminares da escavação arqueológica  
Luís Filipe Pereira / Michelle Teixeira Santos
- 1559 A igreja de São Lourenço (Mouraria, Lisboa): um conjunto de silos e de cerâmica medieval islâmica  
Andreia Filipa Moreira Rodrigues
- 1571 O registo material de movimentações populacionais no Médio Tejo, durante os séculos XII-XIII. Dois casos de “sunken featured buildings”, nos concelhos de Cartaxo e Torres Novas  
Marco Liberato / Helena Santos / Nuno Santos
- 1585 O nordeste transmontano nos alvares da Idade média. Notas para reflexão  
Ana Maria da Costa Oliveira
- 1601 Sepulturas escavadas na rocha do Norte de Portugal e do Vale do Douro: primeiros resultados do Projecto SER-NPVD  
Mário Jorge Barroca / César Guedes / Andreia Arezes / Ana Maria Oliveira
- 1619 “*Portucalem Castrum Novum*” entre o Mediterrâneo e o Atlântico: o estudo dos materiais cerâmicos alto-medievais do arqueossítio da rua de D. Hugo, nº. 5 (Porto)  
João Luís Veloso
- 1627 A Alta Idade Média na fronteira de Lafões: notas preliminares sobre a Arqueologia no Concelho de Vouzela  
Manuel Luís Real / Catarina Tente
- 1641 Um conjunto cerâmico medieval fora de portas: um breve testemunho aveirense  
Susana Temudo
- 1651 Os Lóios do Porto: uma perspetiva integrada no panorama funerário da Baixa Idade Média à Época Moderna em meios urbanos em Portugal  
Ana Lema Seabra
- 1659 O Caminho Português Interior de Santiago como eixo viário na Idade Média  
Pedro Azevedo
- 1665 Morfologia Urbana: Um exercício em torno do Castelo de Ourém  
André Donas-Botto / Jaqueline Pereira
- 1677 Intervenção arqueológica na Rua Marquês de Pombal/Largo do Espírito Santo (Bucelas, Loures)  
Florbel Estêvão / Nathalie Antunes-Ferreira / Dário Ramos Neves / Inês Lisboa
- 1691 O Cemitério Medieval do Poço do Borratém e a espacialidade funerária na cidade de Lisboa  
Inês Belém / Vanessa Filipe / Vasco Noronha Vieira / Sónia Ferro / Rodrigo Banha da Silva
- 1705 Um Espaço Funerário Conventual do séc. XV em Lisboa: o caso do Convento de São Domingos da Cidade  
Sérgio Pedroso / Sílvia Casimiro / Rodrigo Banha da Silva / Francisca Alves Cardoso

## 9. Época Moderna e Contemporânea

- 1721 Arqueologia Moderna em Portugal: algumas reflexões críticas em torno da quantificação de conjuntos cerâmicos e suas inferências históricas e antropológicas  
Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara da Cruz Ferreira
- 1733 Faianças de dois contextos entre os finais do século XVI e XVIII do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa  
Martim Lopes / Tomás Mesquita

- 1747 Um perfil de consumo do século XVIII na foz do Tejo: O caso do Mercado da Ribeira, Lisboa  
Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão
- 1761 Os Cachimbos dos Séculos XVII e XVIII do Palácio Mesquitela e Convento dos Inglesinhos  
(Lisboa)  
Inês Simão / Marina Pinto / João Pimenta / Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva
- 1775 «*Tomar os fumos da erua que chamão em Portugal erua sancta*». Estudo de Cachimbos  
provenientes da Rua do Terreiro do Trigo, Lisboa  
Miguel Martins de Sousa / José Pedro Henriques / Vanessa Galiza Filipe
- 1787 Cachimbos de Barro Caulínítico da Sé da Cidade Velha (República de Cabo Verde)  
Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Clementino Amaro
- 1801 Algumas considerações sobre espólio não cerâmico recuperado no Largo de Jesus (Lisboa)  
Carlos Boavida
- 1815 Adereços de vidro, dos séculos XVI-XVIII, procedentes do antigo Convento de Santana  
de Lisboa (anéis, braceletes e contas)  
Joana Gonçalves / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes
- 1837 Da ostentação, luxo e poder à simplicidade do uso quotidiano: arqueologia e simbologia  
de joias e adornos da Idade Moderna Portuguesa  
Jéssica Iglésias
- 1849 Os amuletos em Portugal – dos objetos às superstições: o coral vermelho  
Alexandra Vieira
- 1865 Cerâmicas de Vila Franca de Xira nos séculos XV e XVI  
Eva Pires
- 1879 «Não passa por teu o que me pertence». Marcas de individualização associadas a faianças  
do Convento de Nossa Senhora de Aracoeli, Alcácer do Sal  
Catarina Parreira / Íris Fragoso / Miguel Martins de Sousa
- 1891 Cerâmica de Leiria: alguns focos de produção  
Jaqueline Pereira / André Donas-Botto
- 1901 Os Fornos na Rua da Biquinha, em Óbidos  
Hugo Silva / Filipe Oliveira
- 1909 A casa de Pêro Fernandes, contador dos contos de D. Manuel I: o sítio arqueológico da Silha  
do Alferes, Seixal (século XVI)  
Mariana Nunes Ferreira
- 1921 O Alto da Vigia (Sintra) e a vigilância e defesa da costa  
Alexandre Gonçalves / Sandra Santos
- 1937 O contexto da torre sineira da Igreja de Santa Maria de Loures  
Paulo Calaveira / Martim Lopes
- 1949 A Necrópole do Hospital Militar do Castelo de São Jorge e as práticas funerárias na Lisboa  
de Época Moderna  
Susana Henriques / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Sofia N. Wasterlain
- 1963 SAND – Sarilhos Grandes Entre dois Mundos: o adro da Igreja e a Paleobiologia dos ossos  
humanos recuperados  
Paula Alves Pereira / Roger Lee Jesus / Bruno M. Magalhães
- 1975 Expansão urbana da vila de Cascais no século XVII e XVIII: a intervenção arqueológica  
na Rua da Vitória nº 15 a 17  
Tiago Pereira / Vanessa Filipe
- 1987 Novos dados para o conhecimento do Urbanismo de Faro em época Moderna  
Ana Rosa

- 1995 Um exemplo de Arqueologia Urbana em Alcoutim: o Antigo Edifício dos CTT  
Marco Fernandes / Marta Dias / Alexandra Gradim / Virgílio Lopes / Susana Gómez Martínez
- 2007 Palácio dos Ferrazes (Rua das Flores/Rua da Vitória, Porto): a cocheira de Domingos Oliveira Maia  
Francisco Raimundo
- 2021 As muitas vidas de um edifício urbano: História, Arqueologia e Antropologia no antigo Recreatório Paroquial de Penafiel  
Helena Bernardo / Jorge Sampaio / Marta Borges
- 2035 O convento de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada: o contributo da arqueologia para o conhecimento de um monumento identitário  
João Gonçalves Araújo / N'Zinga Oliveira
- 2047 Arqueologia na ilha do Corvo... em busca da capela de Nossa Senhora do Rosário  
Tânia Manuel Casimiro / José Luís Neto / Luís Borges / Pedro Parreira
- 2059 Perdidos à vista da Costa. Trabalhos arqueológicos subaquáticos na Barra do Tejo  
Jorge Freire / José Bettencourt / Augusto Salgado
- 2071 Arqueologia marítima em Cabo Verde: enquadramento e primeiros resultados do projecto CONCHA  
José Bettencourt / Adilson Dias / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Cristóvão Fonseca / Dúnia Pereira / Gonçalo Lopes / Inês Coelho / Jaylson Monteiro / José Lima / Maria Eugénia Alves / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2085 Trabalhos arqueológicos na Cidade Velha (Ribeira Grande de Santiago, Cabo Verde): reflexões sobre um projecto de investigação e divulgação patrimonial  
André Teixeira / Jaylson Monteiro / Mariana Mateus / Nireide Tavares / Cristóvão Fonseca / Gonçalo C. Lopes / Joana Bento Torres / Dúnia Pereira / André Bargão / Aurélie Mayer / Bruno Zélie / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Inês Henriques / Inês Pinto Coelho / José Lima / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2103 A antiga fortificação de Quelba / Khor Kalba (E.A.U.). Resultados de quatro campanhas de escavações, problemáticas e perspectivas futuras  
Rui Carita / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes / Kamyar Kamyad
- 2123 Colónias para homens novos: arqueologia da colonização agrária fascista no noroeste ibérico  
Xurxo Ayán Vila / José M<sup>a</sup>. Señorán Martín

# EQUÍDEOS GRAVADOS NO CURSO INFERIOR DO RIO MOURO, MONÇÃO (NW PORTUGAL). ANÁLISE PRELIMINAR

L. M. Coutinho<sup>1</sup>, Ana M. S. Bettencourt<sup>2</sup>, Hugo A. S. Sampaio<sup>2,3</sup>

## RESUMO

Este estudo, centra-se na representação de equídeos gravados na bacia do rio Mouro, afluente da margem sul do rio Minho. Tem como objetivos o estudo da sua distribuição no espaço em relação a características físicas; a especificidade de tipos de equídeos gravados; as características dos afloramentos gravados por grupo de equídeos; e as orientações dos equídeos por tipo e a sua disposição no afloramento face a outros motivos gravados. **Palavras-chave:** Arte Pós-paleolítica, Tipos de equídeos, Bacia do rio Mouro.

## ABSTRACT

This paper focuses on the representation of horses gravated on rocks in the Mouro River basin (NW Portugal), an affluent in the south margin of the Minho River. The objectives are the study of its distribution in space, in relation to physical characteristics; the specificity of types of gravated horses; the characteristics of the rocks gravated by group of horses; the orientation of horses by type and their disposition in the rock compared to other gravated motifs.

**Keywords:** Post Paleolithic Art, River Mouro Basin.

## 1. INTRODUÇÃO

O que torna especial um lugar gravado com arte rupestre? Será a gravura em si que o dota de propriedades ou o afloramento e o local foram gravados por já serem especiais ou terem visibilidade para locais significantes? Não se pode ignorar que, para as sociedades tradicionais, alguns afloramentos e lugares contêm um significado espiritual (Bradley, 2000; Tilley, 2002) que podem estar na origem de lendas, mitos e crenças relacionadas com seres ou propriedades que habitam dentro ou entre as rochas ou em determinados montes. Tal é o caso de muitos locais do Norte de Portugal (Bettencourt *et alii*, 2017b: 139; Sampaio *et alii*, 2018: 150). Bradley (2000) afirma que, serão os motivos, enquanto signos, que conferem uma ligação entre os lugares (enquanto espaço

frequentado por populações) e os poderes sobrenaturais que os povoam. Deste modo, parte-se do princípio que, através do estudo da arte rupestre de ar livre, a Arqueologia poderá interpretar memórias do passado, partindo da premissa de que a mensagem inerente à gramática imortalizada nos afloramentos resulta de um pensamento simbólico e reflète a visão cosmogónica que as comunidades que as gravaram tinham do mundo e da realidade que as rodeava (Sampaio *et alii*, 2018, p. 150).

Inserida no chamado ciclo da Arte Atlântica, no seu sentido clássico, a gravação de signos e gramáticas abstratas atribuíveis ao Neolítico, entre os finais do 5º e/ou inícios do 4º milénios a.C. (Alves, 2009; 2017; Santos-Estévez, 2012; Bettencourt, 2013; Cardoso e Bettencourt, 2015) vão sendo substituídos por novas linguagens "artísticas", especialmente a

1. Aluno de Mestrado em Arqueologia na Universidade do Minho; [coutinho@dps.uminho.pt](mailto:coutinho@dps.uminho.pt)

2. Laboratório de Paisagens, Património e Território (Lab2PT); Departamento de História do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Portugal.

3. Escola de Hotelaria e Turismo do Instituto Politécnico do Cávado e do Ave (ESHT | IPCA); Centro de Investigação, Desenvolvimento e Inovação em Turismo (CITur).

partir do fim do 3º milénio a.C. (Bettencourt, 2017a, 2017b). Aos círculos concêntricos, covinhas e sulcos, mais ou menos meandriiformes, vão sendo adicionados novos motivos e composições, complexificando o discurso e, desse modo, prolongando ou alterando a memória do local, na longa temporalidade. Estes também podem surgir *ex novo*.

Identificam-se agora representações de armas, barquiformes, círculos segmentados, paletas, podomorfos e quadrúpedes, onde se enquadram os equídeos. Trata-se de uma fase mais figurativa, o que leva a que alguns investigadores os classifiquem como um novo ciclo artístico, nomeado de forma provisória como “arte figurativa” (Bettencourt, 2019b). Outros autores defendem que se inserem em novas fases da Arte Atlântica, mais recentes do que a sua fase Clássica e inicial (Santos-Estévez, 2008, 2012; Alves, 2014, Cardoso, 2015, entre outros).

Partindo do estudo concreto dos equídeos gravados ao ar livre, numa análise desenvolvida numa escala regional, embora enfatizando a microescala do lugar, os objetivos deste texto são: 1) o estudo da sua distribuição no espaço em relação a características físicas; 2) a especificidade de tipos de equídeos gravados; 3) as características dos afloramentos gravados por grupo de equídeos; 4) a disposição dos equídeos por tipo; e 5) as suas orientações e inter-relações com outros motivos gravados, também por tipo de equídeos. Na prática, este estudo incidiu no espaço territorial constituído pelo curso inferior da bacia do rio Mouro, onde foram analisados 10 afloramentos com equídeos gravados.

## 2. METODOLOGIA

A primeira fase do estudo consistiu na definição dos objetivos e do quadro teórico interpretativo, na recolha de bibliografia, cartografia e documentação gráfica e na definição de critérios de estudo de acordo com os objetivos. Numa segunda fase foram feitas visitas aos locais para observações *in situ* dos sítios gravados e dos seus motivos, observações do seu contexto físico e recolha fotográfica dos afloramentos para aplicação fotogramétrica. Numa terceira fase, a de trabalho avançado de gabinete, foram gerados os levantamentos fotogramétricos com utilização dos softwares *Agisoft Photoscan* e *3DF Zephyr Lite* versão 4.530. Foi aplicada a técnica *Morphological Residual Model* (MRM), que representa as diferenças morfológicas existentes na rocha a partir de um

código cromático e as diferentes profundidades dos sulcos das gravuras, gerando uma nuvem de pontos e de texturas que, com a utilização do software *Labmesh* e aplicando os filtros *Radiance Scalling* e *Lit Spheres*, dando o tratamento 3D à imagem, permite remarcar os sulcos existentes na rocha. Aumentando o contraste aplica-se uma maior e mais fácil leitura à imagem de forma a proporcionar melhores interpretações das gravuras, que por vezes se encontram bastante erodidas. Posteriormente, com recurso a ferramentas de sistemas de informação geográfica (software QGIS Desktop v. 3.10.2) foi possível identificar a distribuição espacial dos afloramentos gravados num mapa hipsométrico, de modo a compreender a sua localização e as suas inter-relações espaciais.

## 3. O VALE DO RIO MOURO

Inserido na denominada região do Alto Minho, o vale do rio Mouro assume uma localização a nordeste no distrito de Viana do Castelo. Nasce na Portela do Lagarto, a uma altitude de cerca de 1200 m, na serra da Peneda, no concelho de Melgaço, e desagua na margem esquerda do rio Minho, na localidade de Ponte de Mouro, no concelho de Monção. Forma um vale de morfologia pouco sinuosa, criando um eixo natural de circulação que se desenvolve de sul para norte, no seu curso inferior, e de este para oeste, no curso superior. Corre num vale profundo e estreito, a montante, e aberto a jusante (Fig. 1). Segundo a Carta Geológica de Portugal, folha 1-B, de 1985, à escala 1/50 000, o substrato rochoso desta área é composto por granito de duas micas, com grão variável entre o médio a fino. Segundo a notícia explicativa desta Carta Geológica (Ribeiro e Moreira, 1986, p. 35), a área teve mineralizações de ouro e volfrâmio (ver Figura 1).

## 4. INVENTÁRIO

Após consulta do *Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste Português* – CVARN ([www.cvarn.org](http://www.cvarn.org)), foram identificados 6 afloramentos gravados com equídeos que pertencem à bacia do rio Mouro, localizados todos no concelho de Monção. A estes foi possível adicionar mais um, publicado na *Revista de Estudos Miñoráns: Proxecto Equus: un novo paradigma nas escenas de caza da arte rupestre galega e do norte de Portugal* (Martínez Soto *et alii*, 2017) que se designou por Buraca da Moura 5, atendendo ao



local onde se encontrava. No decorrer dos trabalhos de campo foram identificados mais três inéditos, nas freguesias de Barbeita e de Longos Vales.

Através deste trabalho foi possível elaborar o inventário que se segue. Este obedeceu aos seguintes descritores: 1) localização administrativa e coordenadas; 2) pequeno historial; 3) contexto físico e ambiental; 4) descrição do afloramento; 5) descrição dos motivos; e 6) bibliografia. O mesmo está ordenado por ordem alfabética das freguesias.

#### Gasgaia<sup>4</sup>

**Freguesia:** Barbeita.

**Localização:** Latitude: 42.054472; Longitude: -8.408861; Altitude: 252 m.

**Historial:** noticiada por Bettencourt (2014d).

**Contexto físico e ambiental:**

**Descrição do afloramento:** trata-se de um afloramento pouco destacado do solo, com superfície aplanada e uma ligeira pendente.

**Descrição dos motivos:** apresenta vários motivos dispersos, como composições circulares, nomeadamente um círculo concêntrico e círculos, covinhas, sulcos e um equídeo bastante esquemático (Figura 2).

**Bibliografia:** Bettencourt, 2014d; dados inéditos.

#### Buraca da Moura 5

**Freguesia:** Barbeita

**Localização:** Latitude: 42.066944; Longitude: -8.443333; Altitude: 242 m

**Historial:** noticiada por Bettencourt (2014d).

**Contexto físico e ambiental:** situado na vertente nascente do Monte da Nossa Senhora da Assunção, encaixado entre dois outeiros. O local tem visibilidade a SSE para o vale do rio Mouro.

Este afloramento dista cerca de 2,10 m para NE da rocha da Buraca da Moura 2. Exibe uma divisão natural em dois painéis devido a um filão constituído maioritariamente por feldspato.

**Descrição do afloramento:** Trata-se de uma rocha de granito médio a fino com 3,70m de comprimento no sentido SE-NE e 3,53m no sentido SW-NW, exibindo uma forma quase triangular e rasante ao solo com uma pendente suave no sentido SW.

**Descrição dos motivos:** na extremidade W-NW encontra-se um equídeo sub-naturalista com orelhas bem pronunciadas, encaminhando-se para NE,

---

4. Por engano está referenciado no cvarn.org como Buraca da Moura 1.

como se estivesse a subir o afloramento e dirigindo-se para o monte da Senhora da Assunção. Mais perto do filão de feldspato, encontramos mais dois equídeos, um em cima do outro, dirigindo-se para NW, como se estivessem a dirigir-se de um outeiro para o outro. Neste painel é possível ainda distinguir diversas covinhas, sendo que duas delas parecem estar quase unidas por um sulco. No segundo painel, um equídeo de maiores dimensões e de estilo sub-naturalista sugere estar associado a uma figura algo irregular, ligeiramente circular, como que se a transportasse.

**Bibliografia:** Martínez Soto *et alii*, 2017. Dados inéditos (Figura 3).

#### Nossa Senhora da Assunção 15

**Freguesia:** Barbeita

**Localização:** Latitude: 42.056367; Longitude: -8.407933; Altitude: 253 m.

**Historial:** Foi dado a conhecer por Bettencourt (2014b) que o descreve de modo sumário.

**Contexto físico e ambiental:** situado na extremidade nascente de um pequeno e estreito patamar a sul do Monte da Nossa Senhora da Assunção, a visibilidade de quem se dirige ao local e visualiza alguns motivos (composições circulares e covinhas) é direcionada para o vale do rio Mouro.

**Descrição do afloramento:** trata-se de um dos maiores e mais imponentes afloramentos gravados nesta área, dispondo-se em patamares separados por declives mais ou menos acentuados. Devido à construção de um parque de estacionamento, este afloramento foi em parte destruído e encontra-se parcialmente aterrado<sup>5</sup>.

**Descrição dos motivos:** é composto, pelo menos, por 4 painéis: dois no topo, um na pendente nascente e outro num patamar virado a este. O painel 1, no topo aplanado, apresenta uma composição circular complexa, entre outras mais simples e covinhas. O painel 2, no patamar inferior ao do topo, também apresenta composições circulares de gramática atlântica clássica, tal como um círculo concêntrico de três voltas com covinha central, entre outros sulcos pouco nítidos, um sulco unido por covinhas e covinhas

---

5. Foi parcialmente partido encontrando-se a parte fraturada nas proximidades, nomeadamente na vertente este do monte, junto com outros blocos partidos, como se fosse entulho. O afloramento encontra-se em perigo de destruição pelas obras dos parque de estacionamento.

dispersas. O painel 3, mais ou menos a meio do declive existente a este do painel 2, apresenta dois quadripedes. Estes correspondem a dois equídeos muito esquemáticos, em posição estática. Estão orientados de SE para NE. Um deles, o de maior dimensão, localizado mais a nordeste, tem a cauda e a cabeça levantadas, enquanto o outro, de menor dimensão, e que está a seguir o primeiro, ostenta a cauda para baixo. Ambos têm orelhas bem pronunciadas. O painel 4, no patamar a nordeste do painel 3, tem inúmeras covinhas de diferentes dimensões (Figura 4).

**Bibliografia:** Bettencourt, 2014b; dados inéditos.

### **Nossa Senhora da Assunção 17**

**Freguesia:** Barbeita

**Localização:** Latitude: 42.056635; Longitude: -8.406635; Altitude: 223 m.

**Historial:** Trata-se de um afloramento noticiado por Bettencourt (2014c) e agora alvo de estudo mais detalhado.

**Contexto físico e ambiental:** numa plataforma a meio da vertente sudeste do Monte de Nossa Senhora da Assunção, um local com excelente visibilidade para o vale onde corre o rio Mouro.

**Descrição do afloramento:** é elevado do solo, cerca de 43 cm pelo lado norte e 35 cm pelo lado sul. O afloramento, de grão fino, com bastante mica, apresenta uma coloração cinzenta escura em consequência da exposição a um fogo florestal. Além de se estar partido no lado oeste, apresenta depressões retangulares, recentes, realizadas para a inserção de cunhas facilitadoras do corte manual de pedra, bem como alguns sulcos de perfil em V feitos com pico metálico. O afloramento apresenta o topo aplanado.

**Descrição dos motivos:** no topo são visíveis motivos atlânticos clássicos, muito erodidos, nomeadamente: um círculo concêntrico com covinha central, atravessado por um sulco e sobreposto por duas covinhas no seu aro exterior, um pequeno círculo concêntrico de duas voltas e, pelo menos, dois círculos simples com covinha central. Ai, existem, também, diversas covinhas. No ligeiro declive, a norte, foi gravado um equídeo sub-naturalista, em movimento (o que é sugerido pela obliquidade dos membros dianteiros). Sobre o dorso tem um sulco disposto na vertical, que poderá simbolizar um cavaleiro sem rédeas ou uma arma fincada. Mede cerca de 26 cm. Dispõe-se na superfície como se dirigisse do fundo do vale (este) para o topo do monte (oeste), como se o seu destino fosse o topo do Monte da Senho-

ra da Assunção. Este animal apresenta a particularidade de ter sobre a cabeça um grande círculo, que parece ter sido sobreposto por uma covinha. Para poente desta figura há outro círculo, de contorno algo irregular, também sobreposto por uma covinha. Em posição oposta a este animal, parece existir outro equídeo muito erodido apenas definido pela linha do dorso, parte superior da cabeça e orelhas, cauda (?) e início de um dos membros traseiros. Pela disposição no afloramento dirige-se para o vale, ou seja, para nascente. No declive sul parece existir uma cruz grega (Figura 5).

**Bibliografia:** Bettencourt, 2014c; dados inéditos.

### **Nossa Senhora da Assunção 19**

**Freguesia:** Barbeita

**Historial:** inédito

**Localização:** Latitude: 42.056281, Longitude: -8.407950; Altitude: 249 m.

**Contexto físico e ambiental:** a cerca de 50 m para sudeste de Nossa Senhora da Assunção 15, a meio da vertente média do Monte de Nossa Senhora da Assunção, com um declive bastante acentuado. De costas para o parque de estacionamento do monte da Senhora da Assunção, a E-SE, existe uma ampla visão para o vale onde corre o rio Mouro. A N-NE situa-se o Monte da Senhora da Assunção.

**Descrição do afloramento:** trata-se de um grande afloramento dividido por diáclases bastante acentuadas, de grão fino e com alguns filões de quartzito. Em algumas áreas apresenta-se bastante escuro devido a incêndios e com alguns líquenes.

**Descrição dos motivos:** o afloramento está dividido em dois painéis por uma diáclase. No painel a este surge um cavaleiro montado sobre um equídeo de cerca de 15 cm, muito esquemático, e um círculo. O painel oeste está profusamente gravado com motivos variados. Destaque para uma espiral com covinha no meio, podomorfos descalços na horizontal e na vertical, uma gravura de um objeto com um cabo e dois dentes (fúrcula/gancho de carne do Bronze Final?), uma covinha de onde parte um sulco orientado a norte e duas covinhas unidas por um sulco bem pronunciado (Figura 6).

**Bibliografia:** inédita.

### **Baldio da Porqueira**

**Freguesia:** Longos Vales.

**Localização:** Latitude: 42.0428; Longitude: -8.4071; Altitude: 179 m.

**Historial:** inédita.

**Contexto físico e ambiental:** este afloramento situa-se na subida do caminho do Baldio da Porqueira, no lado direito. Tem excelente visibilidade para este onde corre o rio Mouro. A norte avista-se o monte da Senhora da Assunção.

**Descrição do afloramento:** trata-se de um afloramento bastante sobrelevado do solo, cerca de 2,00 m na parte norte e 1,20 m a sul. De um granito bastante claro, tem uma forma côncava. Apresenta uma zona bastante escura no centro em parte resultante da acumulação de águas pluviais,

**Descrição dos motivos:** um equídeo esquemático dirige-se para um grande círculo concêntrico com pelo menos 5 voltas e covinha central que está gravado praticamente no centro do afloramento. Devido à sua forma côncava, o afloramento acumula águas pluviais que devido à gravidade escorrem para o equídeo. É possível distinguir um pequeno sulco no dorso do equídeo com o recurso à luz rasante, no entanto não é possível afirmar tratar-se de um equídeo montado (Figura 7).

**Bibliografia:** inédito.

### Coutada das Águas 1

**Freguesia:** Longos Vales

**Localização:** Latitude: 42.051389; Longitude: -8.410556; Altitude: 242 m.

**Historial:** este afloramento foi dado a conhecer por Bettencourt (2014a) tendo agora sido alvo de estudo pormenorizado.

**Contexto físico e ambiental:** encontra-se a cerca de 300 m do núcleo de gravuras da Buraca da Moura, num pequeno remate de esporão sobranceiro ao Rego das Cunhas. A nascente, visualiza-se o vale do rio Mouro, enquanto para sul a perspectiva é para o vale do Rego das Cunhas, que vai desaguar no rio Mouro. O local fica num aglomerado de blocos graníticos, de grão médio a fino.

**Descrição do afloramento:** afloramento gravado, bem destacado do solo, com dois declives medianos, um para nascente e outro para poente que se tornam mais abruptos perto do solo. Encontra-se em razoável estado de conservação, embora apresente alguns líquenes.

**Descrição dos motivos:** no declive a nascente, foram gravados dois equídeos esquemáticos, um em posição estática e outro dando a sensação de estar em movimento, sugerido pela linha do dorso e pela posição da cabeça e dos membros dianteiros. A fi-

gura central do afloramento dirige-se para W-NE e é um pouco maior do que o outro que se encontra na extremidade oeste do painel. Este último dirige-se para E-SE. Ambos provocam a sensação, para quem os olha de frente, que estão a sair do vale e se dirigem para o monte. O declive a poente exhibe um grande círculo concêntrico de quatro voltas com covinha central, um equídeo esquemático, em posição estática, que se dirige para W-NW e um outro, também esquemático, dirigindo-se em sentido contrário (Figura 8).

**Bibliografia:** Bettencourt, 2014d; dados inéditos.

### Teixugos 2

**Freguesia:** Longos Vales

**Localização:** Latitude: 42.056417; Longitude: -8.425889; Altitude: 118 m

**Historial:** noticiada por Bettencourt (2014d).

**Contexto físico e ambiental:** este afloramento localiza-se no início da vertente, numa zona aplanada, bastante encoberto pela vegetação, o que torna difícil a sua visualização. Está rodeado por campos agrícolas.

**Descrição do afloramento:** trata-se de um grande afloramento, rente ao solo, com um ligeiro declive de S-SW para N-NE. Mede cerca de 6,30 m no sentido S-SW/N-NE e 2,60 m no sentido W-NW/E-SE. Apresenta algumas diaclases e um grande filão horizontal de quartzito na parte central dividindo a rocha em dois painéis. Na parte inferior são também visíveis mais alguns filões de quartzito. O afloramento está um pouco danificado em consequência de incêndios florestais. A zona mais a N-NE encontra-se bastante escurecida.

**Descrição dos motivos:** o afloramento é profusamente gravado. Na parte superior do painel é visível um círculo concêntrico de 3 voltas, e um motivo circular. Um pouco mais abaixo encontramos uma gravura de forma sub retangular.

Mais abaixo, e muito perto do filão de quartzito, são visíveis pelo menos 21 covinhas, sendo que duas delas estão unidas por um sulco, e quatro estão circundadas por uma forma mais ou menos ovalada.

Logo após a filão, e no que foi considerado o segundo painel, encontram-se mais algumas covinhas, pelo menos 5, ao lado de um círculo concêntrico de 4 voltas e de menor dimensão do que o do painel superior. Ao lado inicia-se um sulco de forma irregular que desce o afloramento, medindo pouco mais de um metro, com uma gravura sub rectangular ados-

sada. Ao lado, e no alinhamento do retângulo, surgem 3 figuras de forma mais ou menos circular e de difícil interpretação.

Mais abaixo, surge um equídeo sub naturalista, em posição estática, voltado para N-NW e para um conjunto de outros 2 equídeos que o enfrentam. Um deles, esquemático, é montado por um ginete que surge de braços abertos podendo estar a segurar alguma coisa. Num outro equídeo, sub naturalista, também montando, o ginete parece ostentar um bastão. É visível ainda mais um zoomorfo, embora pareça que não tenha sido terminado (Figura 9).

**Bibliografia:** Bettencourt, 2014e; dados inéditos.

### Teixugos 3

**Freguesia:** Longos Vales

**Localização:** Latitude: 42,0568N; Longitude: -8,4243W; Altitude: 118 m

**Historial:** inédito

**Contexto físico e ambiental:** situa-se a escassos metros de habitações num declive pouco pronunciado orientado de SW para NE. Apresenta visibilidade para o vale a E-SE e para o Monte da Senhora da Assunção a Este.

**Descrição do afloramento:** trata-se de um grande afloramento com 2,40 m (sentido SW para NE) por 1,30 (sentido SE para NW), rasante ao solo, formando um declive com leve inclinação. Com uma forma mais ou menos sub retangular, de granito fino e coloração cinzenta escura, está naturalmente dividido em 3 painéis através de diáclases bem pronunciadas e largas.

**Descrição dos motivos:** os equídeos surgem no painel 1 (que se encontra mais a NE). Aí, evidencia-se um círculo concêntrico com, pelo menos, 4 voltas. No seu centro tem 3 covinhas, um pouco mais abaixo, o equídeo sub naturalista, e bem definido, orientado de W-NW para E-SE (Figura 10).

**Bibliografia:** dados inéditos.

### Chã/Chão da Sobreira 2

**Freguesia:** Podame.

**Localização:** Latitude: 42.046080; Longitude: -8.358163; Altitude: 370m

**Historial:** foi descoberto e estudado, em 1986, por José Augusto Maia Marques, que fez o seu decalque em polivinilo após a aplicação do método biocromático.

**Contexto físico e ambiental:** ampla visibilidade a norte para o vale. Em plano de fundo encontra-se

o Castro da Senhora da Graça. Visibilidade fechada para sul, este e oeste.

**Descrição do afloramento gravado:** trata-se de um afloramento granítico de grão médio, algo destacado do solo, aplanado na parte superior, com um declive para sul. Encontra-se escondido por densa vegetação, um pouco erodido e coberto com líquenes e musgos. **Descrição dos motivos:** apresenta três painéis gravados, separados por algumas diáclases (Fig. 10). No painel norte, destaca-se uma covinha central associada a um sulco, rodeada por dois semicírculos, várias covinhas isoladas e sulcos que formam duas composições de difícil classificação. No painel encontra-se uma espiral de duas voltas e várias covinhas, algumas associadas a sulcos.

No painel sul, encontram-se os motivos mais importantes para este estudo. Trata-se uma cena de equitação com dois equídeos esquemáticos montados, de aproximadamente 20 cm cada um, dirigindo-se de nascente para poente. O ginete do equídeo da frente, com uma dimensão ligeiramente maior, parece ser portador de um toucado, tem os braços abertos e ostenta um objeto de morfologia circular preso à cintura, enquanto o equídeo de trás, com um cavaleiro muito estilizado, parece percorrer um caminho representado por um sulco, segundo interpretação de Bettencourt (2014).

Todas as figuras foram gravadas por percussão seguida de abrasão (Figura 11).

**Bibliografia:** Marques, 1986; Bettencourt, 2014f.

## 5. DISCUSSÃO DE RESULTADOS E INTERPRETAÇÕES

Os equídeos aqui estudados integram 10 afloramentos (Baldio da Porqueira 1, Buraca da Moura 5, Chã da Sobreira 2, Coutada das Águas 1, Coutada das Águas 3, Nossa Senhora da Assunção 15, 17 e 19, Teixugos 2 e 3), inscritos em 6 núcleos de arte rupestre (Tab. 1).

Todos eles se localizam no curso inferior do rio Mouro, em ambas as suas margens. São frequentes em pequenos patamares de vertentes médias de montes, entre os 100 e os 300 metros de altitude e em áreas com domínio para vales subsidiários da bacia do Mouro, com exceção de Teixugos, que se situa um pouco mais afastado e num local com pouca visibilidade, talvez devido à densa cobertura arbórea. (Figura 1). (Tabela 1)

Não existe homogeneidade na escolha da superfície gravada. Há equídeos em afloramentos rasantes ao solo e bastante horizontalizados, como é o caso da Buraca da Moura 5, Teixugos 2 e 3 e Gasgaia, mas também elevados e em painéis com declive. Encontram-se neste caso os do Baldio da Porqueira 1 e de Nossa Senhora da Assunção 15, 17 e 19.

Em 7 casos os equídeos coexistem na mesma superfície com motivos atlânticos clássicos, embora, em 3 casos sem articulação direta com eles, dando a impressão de terem sido adicionados posteriormente. É o caso de Nossa Senhora da Assunção 15, 17, Chã da Sobreira 2 e, parcialmente, da Coutada das Águas 1, onde os motivos atlânticos se encontram no topo do afloramento e os equídeos em declives ou posições muito periféricas. Já na Gasgaia, Teixugos 2, do Baldio da Porqueira 1 e no declive nascente da Coutada das Águas 2, apesar dos equídeos estarem em posição periférica, parecem ter sido colocados de forma a dialogar com círculos concêntricos. De salientar que em termos técnicos estes quadrúpedes são sempre pouco profundos e com sulcos ligeiramente menos largos que os das composições circulares, o que acentua a “impressão” da sua gravação num momento distinto. Há também três casos em que os equídeos não ocorrem com motivos clássicos de arte atlântica, parecendo formar composições únicas (Buraca da Moura 5, Nossa Senhora da Assunção 15 e Chã da Sobreira 2). Tal parece estar de acordo com as hipóteses de que a sua gravação seria posterior à arte atlântica clássica defendidas para o Noroeste por Santos-Estévez (2008, 2012), com base na premissa de a equitação não existiu até aos inícios do 1º milénio a.C. (séc. IX/VIII a.C.) e por Bettencourt (2019a) a propósito dos equídeos sub-naturalistas associados a círculos segmentados que a autora considera da Idade do Bronze, por paralelos com objetos desse período com esse símbolo. Se consideramos que a arte atlântica clássica se inicia no Neolítico e perdura pelo Calcolítico (Alves, 2003, 2009, 2017; Bettencourt, 2009, 2013, 2017a, 2017b; Cardoso, 2015), também é possível admitir que os equídeos no NW da Península Ibérica possam ter sido gravados entre os finais do 3º e os inícios do 2º milénio a.C., ou seja, no Bronze Inicial, baseado na hipótese de o cavalo ter sido domesticado nesse período (Fábregas Valcarce, Peña Santos, Rodríguez Rellán, 2011, p. 38).

Em termos de tipos de equídeos sem cavaleiros há os que se gravaram de modo muito esquemático, em

5 afloramentos (Nossa Senhora da Assunção 15 e 19, Coutada das Águas 1 e 3 e Chã da Sobreira 2) e os com mais pormenores, sub-naturalistas, onde o corpo e a cabeça são definidos por dois sulcos, em 3 afloramentos (Buraca da Moura 5, Nossa Senhora da Assunção 17, Teixugos 2). É de referir que no afloramento dos Teixugos 2, um dos equídeos é esquemático e 2 são sub-naturalistas. De uma forma geral todos apresentam orelhas bem pronunciadas, o que indicia que poderão representar zebros, um equídeo selvagem que existiu até ao séc. XV (Terrón Albarrán, 1983).

Quer os esquemáticos quer os sub-naturalistas gravaram-se quase sempre de forma estática embora, nalguns casos, o movimento seja indiciado pela inclinações dos membros.

Em termos de composição há equídeos isolados (Gasgaia), em grupos de dois (Nossa Senhora da Assunção 15, 17, 19 Coutada das Águas 1); em manadas de 3 animais (Teixugos 3) e de 4 animais (Buraca da Moura 5).

No caso dos equídeos em manada não parece haver grande distinção entre as dimensões dos equídeos esquemáticos, como também não surge nenhum equídeo com gravação específica de género. Serão todos de fêmeas e crias?

Os equídeos com cavaleiros ocorrem, essencialmente, no grupo dos esquemáticos, em 4 casos (Baldios da Porqueira 1, Nossa Senhora da Assunção 19, Teixugos 2 e Chã da Sobreira 2). Em dois casos ocorrem em cavalos sub-naturalistas (Teixugos 2) em associação com outros não montados. O caso de Nossa Senhora da Assunção 17 oferece dúvidas sobre ser montado ou ter uma arma fincada.

Já na Assunção 19, o cavaleiro surge de braços abertos, tal como no Teixugos 2, embora este pareça segurar um bastão. Na Chã da Sobreira 2, um dos cavaleiros parece ser portador de um toucado, tem os braços abertos e ostenta um objeto de morfologia circular preso à cintura (um escudo?).

Em termos de equídeos em geral há a destacar que no caso de Nossa Senhora da Assunção 17, estes parecem ser guiados por círculos simples sobre a cabeça. Na Buraca da Moura 5 o último equídeo da manada parece puxar uma figura subcircular. Estaremos face a representações de cavalos solares? E no caso em que parecem dialogar com círculos concêntricos típicos da arte atlântica clássica? Que mensagem quererão transmitir? Este é um trabalho a desenvolver futuramente, assim como a tentativa de interpretação de outras cenas equestres aqui representadas.



## AGRADECIMENTOS

Os autores expressam um profundo agradecimento ao Sr. José Alvarez Alonso, que com a sua grande disponibilidade e simpatia, nos acompanhou ao campo mostrando os sítios inéditos referidos neste trabalho.

## BIBLIOGRAFIA

ALVES, Lara B. (2009) – O sentido dos signos. Reflexões e perspectivas para o estudo da arte rupestre do pós-glaciar no norte de Portugal. In BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo, ed. – *Actas Arte Prehistórico al aire libre en el Sur de Europa*. Junta de Castilla y León: Consejería de Cultura y Turismo, pp. 381-413.

ALVES, Lara B. (2014) – Intermitências: a arte e a Idade do Bronze no ocidente peninsular. In LOPES, Susana, ed. – *A Idade do Bronze em Portugal: os dados e os problemas*. Antorpe, série monográfica nº1. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar, pp. 15-51.

ALVES, Lara B. e REIS, Mário (2017) – Tattooed Landscapes. A reassessment of Atlantic Art distribution, research methods and chronology in the light of the discovery of a major rock art assemblage at Monte Faro (Valença, Portugal). *Zephyrus Revista de Prehistoria y Arqueología*, LXXX – julio-diciembre 2017, Salamanca. Ediciones Universidad Salamanca, pp. 49-67. DOI: <http://dx.doi.org/10.14201/zephyrus2017804967>.

BETTENCOURT, Ana M. S. (2014a) – *Coutada das Águas 1*, In *Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste de Portugal* – CVARN.

BETTENCOURT, Ana M. S. (2014b) – *Nossa Senhora da Assunção 15*, In *Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste de Portugal* – CVARN. ([www.cvarn.org](http://www.cvarn.org)).

BETTENCOURT, Ana M. S. (2014c) – *Nossa Senhora da Assunção 17*, In *Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste de Portugal* – CVARN. ([www.cvarn.org](http://www.cvarn.org)).

BETTENCOURT, Ana M. S. (2014d) – *Buraca da Moura 1*, In *Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste de Portugal* – CVARN. ([www.cvarn.org](http://www.cvarn.org)).

BETTENCOURT, Ana M. S. (2014e) – *Teixugos 2*, In *Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste de Portugal* – CVARN. ([www.cvarn.org](http://www.cvarn.org)).

BETTENCOURT, Ana M. S. (2014f) – *Chã da Sobreira 1, 2 e 3*, In *Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste de Portugal* – CVARN. ([www.cvarn.org](http://www.cvarn.org)).

BETTENCOURT, Ana M. S. (2017a) – Gravuras rupestres do Noroeste para além das artes atlânticas e esquemática. In ARNAUD, José M. e MARTINS, Andrea, eds – *Arqueologia em Portugal. Estado da Questão*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa: AAP, pp. 1053-1067.

BETTENCOURT, Ana M. S.; SAMPAIO, Hugo A.; SANTOS-ESTÉVEZ, Manuel; CARDOSO, Daniela (2017b) – Prehistoric Rock Art and Landscape: The outcrops and its forms were certainly not simple carving surfaces. In MARTINS, R. N. e RIBEIRO, C., eds. – *I International Seminar on Art and Landscape*. Guimarães, Laboratório da Paisagem, pp. 137-153.

BETTENCOURT, Ana M. S. (2019a) – Equídeos nos Montes do Noroeste Português. Narrativas Míticas Gravadas nas Rochas. In PEREIRA, Andreia, ed. – *O Garrano: contributos da investigação histórico-arqueológica, antropológica e equestre para a sua valorização*. Viana do Castelo: Câmara Municipal, pp. 135-148.

BETTENCOURT, Ana M. S. (2019b) – Artes Rupestres do Alto Minho. In CAMPELO, Álvaro, ed. – *Património artístico e cultural do Alto Minho. Uma viagem no tempo*. Viana do Castelo: Comunidade Intermunicipal do Alto Minho (no prelo).

BETTENCOURT, Ana M. S. e ABAD-VIDAL, E. (2014) – Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste de Portugal – CVARN ([www.cvarn.org](http://www.cvarn.org))

BRADLEY, R. (2000) – *An Archaeology of Natural Places*. London: Routledge, <https://doi.org/10.4324/9780203630228>

CARDOSO, Daneila (2015) – *A Arte Atlântica do Monte de S. Romão (Guimarães) no contexto da arte rupestre pós-paleolítica da bacia do Ave – Noroeste português*. Tese de Doutoramento, Universidade do Vila Real, Vila Real, Portugal.

FÁBREGAS VALCARCE, R.; PEÑA SANTOS, A.; RODRÍGUEZ RELLÁN, C. (2011) – Río de Angueira 2 (Teo, A Coruña). Un conxunto excepcional de escenas de monta, *Gallaecia*, 30, 29-51.

MARQUES, José A. M. (1986) – As gravuras da Chã da Sobreira e a arte rupestre do concelho de Monção, *Revista de Ciências Históricas*, 1, pp. 11-29.

MARTÍNEZ SOTO, Eloy; VERDE ANDRÉS, Cándido; ALVAREZ, Xosé; CENTELLES GARCÍA, Bruno; MANSO DE LA TORRE, Xilberte; VILAR PEDREIRA, Xosé Lois; LEDO BERNARDEZ, Manuel (2017) – Proxecto Equus: un novo paradigma nas escenas de caza da arte rupestre galega e do norte de Portugal. *Revista de Estudos Miñoráns*, 16/17, pp. 23-75.

RIBEIRO, M. Luisa; MOREIRA, Armando (1986) – *Carta Geológica de Portugal na escala 1/50000 – 1B. Notícia explicativa da folha 1-B – Monção*. Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa.

SAMPAIO, Hugo A. S., BETTENCOURT, Ana M. S.; SANTOS-ESTÉVEZ, Manuel; MOREIRA, José; CACHETAS, Henrique; BARBOSA, Aléssia, (2018) – Preservando a Memória das Pedras. *Vista, Revista de Cultura Visual*, 2, pp. 148-163.

SANTOS-ESTÉVEZ, Manuel (2008) – A new proposal for the chronology of Atlantic rock art in Galicia (NW Iberian



Península). In NASH, George; CHILDREN, George eds. – *The Archaeology of Semiotics and the Social Order of Things* (140-152). Oxford: Bar International Series 1833.

SANTOS-ESTÉVEZ, Manuel. (2012) – Da “Arte Atlântica” no contexto europeu: conceitos, problemáticas e perspectivas – unha visión diacrónica da Arte Atlântica dentro dun novo marco cronolóxico. In SANCHES, Maria de Jesus ed. – *Artes Rupestres da Pré-História e da Proto-História: Paradigmas e Metodologias de Registo*. 1ª Mesa Redonda. *Trabalhos de Arqueologia* 54, Lisboa: MC, pp. 226-235.

SANTOS-ESTÉVEZ, Manuel (2014) – Curros na Idade do Ferro? Unha proposta etnoarqueolóxica. *Fol de Veleno. Anuario de Antropoloxía e Historia de Galiza*, 4, pp. 135-146.

TERRÓN ALBARRÁN, M. (1983) – Los asnos salvajes, cebros o encebros en la España medieval y Extremadura. Aspectos histórico-geográficos y caza. In *Memorias de la Real Academia de Extremadura de las Letras y las Artes*, I, pp. 413-474.

TILLEY, C. (2002) – Metaphor, materiality and interpretation. In BUCHLI, V. ed. – *The Material Culture Reader*. Oxford: Berg. pp. 23-26.

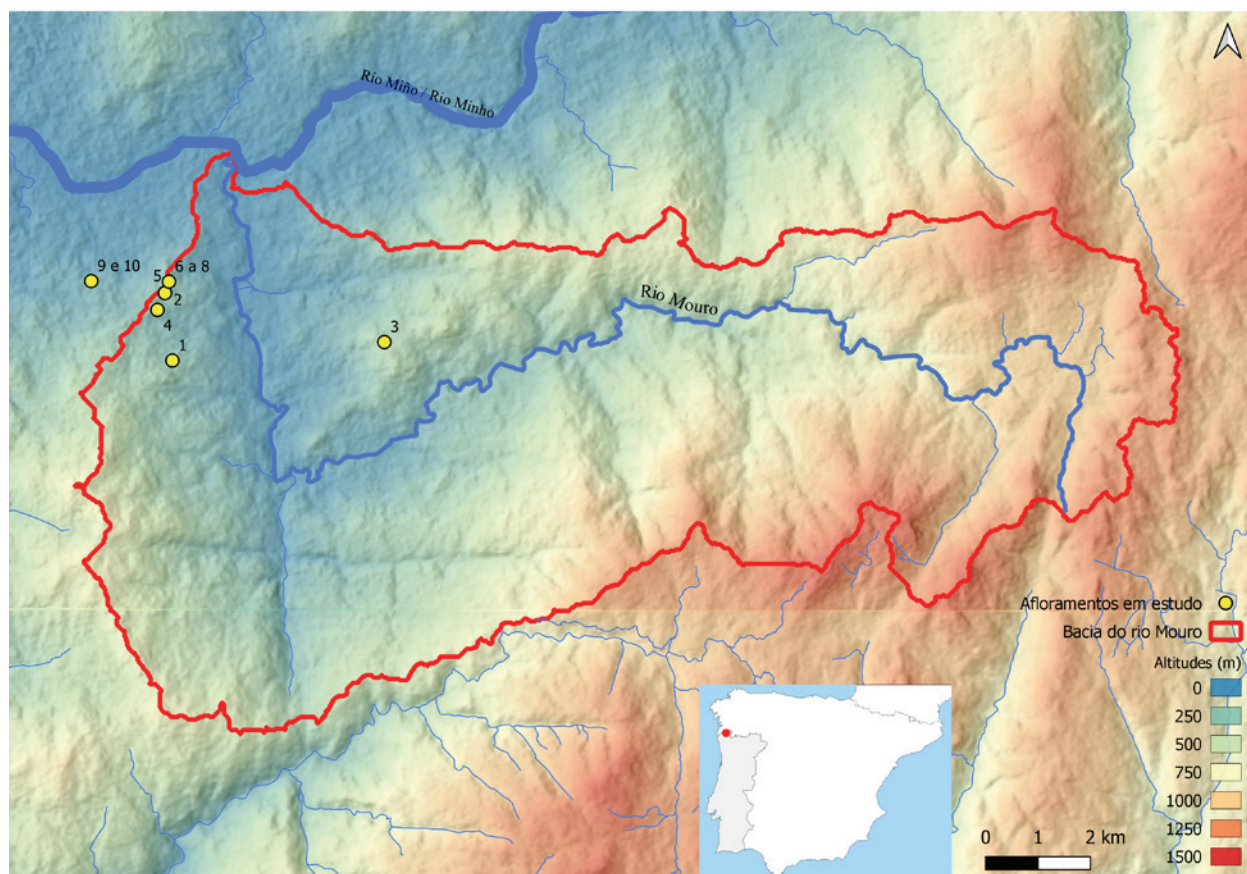


Figura 1 – Localização da Bacia do rio Mouroe das gravuras rupestres citadas no texto.





Figura 2 – Gasgaia. Vista geral do afloramento (seg. Bettencourt, 2014d).



Figura 3 – À esquerda uma vista geral para o vale do rio Mouro a partir da Buraca da Moura 5. À direita fotogrametria da Buraca da Moura 5 (seg. MARTÍNEZ-Soto, *et alli* (2017).





Figura 4 – À esquerda: Vista geral de Nossa Senhora da Assunção 15 com localização do painel com equídeos; à direita: fotogrametria dos equídeos gravados.



Figura 5 – Fotografia e levantamento fotogramétrico de Nossa Senhora da Assunção 17.

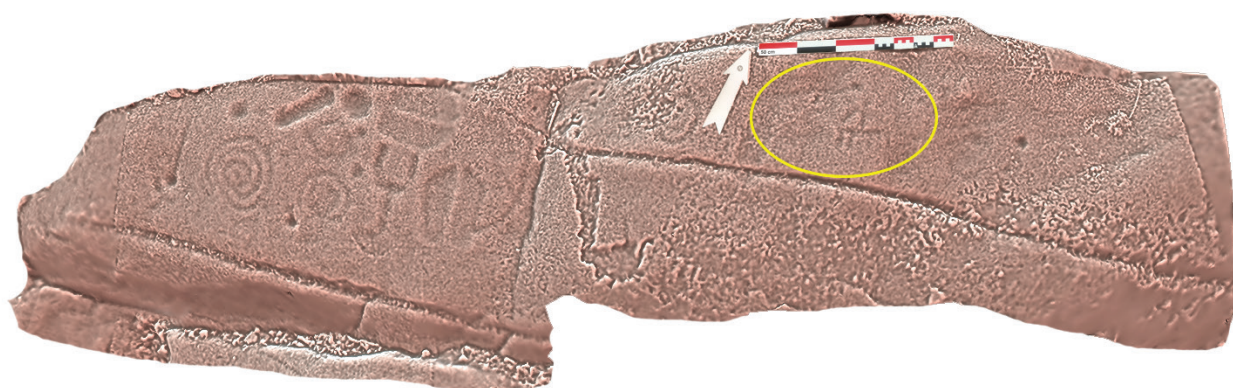


Figura 6 – Levantamento fotogramétrico do afloramento da Nossa Senhora da Assunção 19.





Figura 7 – Afloramento do Baldio da Porqueira. à direita com luz rasante (foto: José Alvarez Alonso).



Figura 8 – Em cima, enquadramento paisagístico da Coutada das Águas 1 (à esquerda), e pormenor da vista do declive a nascente (à direita – Imagem: Bettencourt, Ana M. S. e Abad-Vidal, E. (2014d)). Em baixo, levantamento fotogramétrico do declive a nascente (à esquerda) e poente (à direita).





Figura 9 – Fotogrametria do afloramento Teixugos 2.



Figura 10 – Teixugos 3. Vista geral do painel 1 (à esquerda) e levantamento fotogramétrico (à direita).



Figura 11 – À esquerda: decalque da Chã da Sobreira 1, 2 e 3 (seg. Marques, 1986, p. 19) e à direita: fotografia do sítio com bicro-mático (seg. Marques, 1986, p. 26).

Sítio	Freguesia	Concelho	Referência bibliográfica
Baldio da Porqueira 1	Longos Vales	Monção	Inédito
Buraca da Moura 5	Barbeita	Monção	Martínez-Soto, <i>et alii</i> 2017
Chã da Sobreira 2	Podame	Monção	Marques, 1986; Bettencourt, 2014f
Coutada das Águas 1	Longos Vales	Monção	Bettencourt, 2014a
Gasgaia	Barbeita	Monção	Bettencourt, 2014d
Nossa Senhora da Assunção 15	Barbeita	Monção	Bettencourt, 2014b
Nossa Senhora da Assunção 17	Barbeita	Monção	Bettencourt, 2014c
Nossa Senhora da Assunção 19	Barbeita	Monção	Inédito
Teixugos 2	Longos Vales	Monção	Bettencourt, 2014e
Teixugos 3	Longos Vales	Monção	Inédito

Tabela 1 – Sítios arqueológicos com equídeos da bacia do rio Mouro.







**AAP**  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

**MAC**  
MUSEU  
ARQUEOLÓGICO  
DO CARMO

**CITCEM**  
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR  
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

**FCT** Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

**U** PORTO  
FLUP FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio:

**museu**  
penafiel

